

Subjetividade, memória, experiência: sobre a infância em alguns escritos de walter Benjamin e Theodor w. Adorno¹

Alexandre Fernandez VAZ²

RESUMO: ocupo-me do tema da infância e algumas de suas expressões nas obras de Adorno e Benjamin. Começo pelo último, apresentando um conjunto de reflexões sobre infância e da experiência, tomando para leitura e interpretação de aforismos que compõem *Infância berlinense por volta de 1900*, um texto que simultaneamente completa/se justapõe/contradiz os ensaios sobre Charles Baudelaire. Depois retomo Adorno, que igualmente se ocupou do tema da infância entrelaçando, como Benjamin, memória e história e, nas suas narrativas, um momento utópico ao tomar-lhe o pulso em sua crítica da racionalidade instrumental e da frieza burguesa. Expressão de uma dialética do esclarecimento, a infância é, para ambos, momento de riqueza *experiential*, matriz do trabalho da memória que compõe e rivaliza com a razão, por onde a criança tece seus conceitos, desloca-se por seus labirintos: as casas, os móveis, o barro, as árvores, os sentimentos – o amor e a compaixão em suas contradições, certamente, mas também o ódio e o preconceito.

PALAVRAS-CHAVE: infância e filosofia; formação; teoria crítica; Adorno, Theodor W.; Benjamin, W.

São conhecidos vários dos textos sobre educação e infância escritos por Walter Benjamin e Theodor W. Adorno, dois pensadores associados à Escola de Frankfurt e, não raro, um ao outro: reflexões diversas, espalhadas ao longo das obras de ambos, destinadas a pensar o Iluminismo, a modernidade, os impasses do sujeito e da razão.

No presente texto, ocupo-me do tema da infância e algumas de suas expressões, nas obras de Adorno e Benjamin. Começo pelo último, apresentando um conjunto de reflexões sobre infância e experiência,

¹ Uma versão deste texto aparece nos anais da 28ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação), 2005. Trata-se de um produto do projeto *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação*, financiado pelo CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Auxílio Pesquisa, Bolsas de Iniciação Científica e Mestrado); FAPESC (Auxílio Pesquisa e Bolsas de Iniciação Científica Júnior) e CAPES (Bolsas de Mestrado e Doutorado). Agradeço a Pedro Angelo Pagni as considerações feitas à versão anterior deste texto. Endereço: Programa de Pós-graduação em Educação – CED – UFSC – Florianópolis - alexfvaz@uol.com.br

² Doutor pela Universidade de Hannover, Alemanha; Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Fundamentos da Educação, nível 2. Endereço: Programa de Pós-graduação em Educação – CED – UFSC – Florianópolis- SC - alexfvaz@uol.com.br.

tomando para leitura e interpretação de aforismos que compõem *Infância berlinense por volta de 1900* (BENJAMIN, 1980, v. IV-1; 1987). Detenho-me principalmente em dois deles, sempre pensando esse livro como um trabalho que simultaneamente completa/se justapõe/contradiz os ensaios sobre Charles Baudelaire (BENJAMIN, 1997), que deveriam compor o famoso *Trabalho das Passagens*, arqueologia da modernidade em sua culminância espaço-temporal: o século XIX em Paris, sua literatura e arquitetura, as largas avenidas por onde passam as multidões, as galerias através das quais se reconhecem e se escondem os passantes e as mercadorias.

Na segunda parte, retomo um interlocutor privilegiado da obra de Benjamin, seu intérprete/amigo, mas também crítico, Theodor W. Adorno, que igualmente se ocupou do tema da infância, de forma muito surpreendente, entrelaçando, como Benjamin, memória e história e, nas suas narrativas, um momento utópico ao tomar-lhe o pulso em sua crítica da racionalidade instrumental e da frieza burguesa.

1 DA EXPERIÊNCIA DA MEMÓRIA E SUA REMEMORAÇÃO: INFÂNCIA E MODERNIDADE

Em *Infância berlinense por volta de 1900*,³ Benjamin (1980, v. IV-1,⁴ 1987) rememora, na forma de pequenos textos, a metrópole onde vivera até o exílio, na qual se desenrolara a experiência da infância e da juventude. Quando escrevia os pequenos textos, Benjamin estava ciente de que essas lembranças de maneira alguma “resgatavam” a história da primavera de sua vida. Tratava-se muito mais de condensar a experiência então vivida, seguindo os interstícios da memória e do esquecimento, com aquela atualizada, do adulto que conserva e *perlabora* (*arbeitet es durch*) a textura de sua memória.

Diz Adorno (1997, v. 20-1), no posfácio à primeira edição de *Infância berlinense*, que muito poucos homens e mulheres se reconheceram de forma tão profunda em um território como Benjamin o fez, em Berlim. Os textos que compõem esse maravilhoso livro podem ser lidos, como sugere o mesmo Adorno, como um contraponto *subjetivo* – de um adulto que retoma os fios que costuram sua interioridade – ao

³ Opto por *Infância berlinense* e não por *Infância em Berlim*, como o tradutor brasileiro (Benjamin, 1987), porque o adjetivo parece demarcar, com mais procedência, o caráter da experiência (*Erfahrung*) cotidiana no tempo e no espaço delimitados pela infância de Benjamin na capital alemã.

⁴ As referências às obras de Adorno e Benjamin são feitas, sempre que possível, no original em alemão e nas traduções disponíveis em português. Quando há modificação desta ou tradução nova, haverá indicação. As citações das Obras reunidas (*Gesammelte Schriften*) de ambos autores é feita pela data da edição, seguida do volume e, quando necessário, pelos números das páginas.

material *objetivo*, empírico, que Benjamin pesquisou, montou e sobre o qual se debruçou para escrever seus trabalhos sobre o Moderno. Para essa arqueologia, tomou uma infinidade de materiais sobre as metrópoles, sobretudo a Paris de Charles Baudelaire, mas também a cidade de Londres, de Edgar Alan Poe, a Manchester, de Friedrich Engels, e Moscou, que havia visitado nos anos vinte e sobre o qual nos deixou o instigante e surpreendente *Diário de Moscou*.

Ao elaborar os textos sobre Paris, Benjamin reescreve e imagina, como num roteiro cinematográfico, *flâneurs*, passantes, jogadores, transeuntes, escroques, revolucionários, prostitutas, agitadores e todas as outras personagens da cidade *par excellence* do século XIX. Eles se movimentam pelas ruas, galerias e praças, espaços que, depois das barricadas e da reforma de Hausmann, podiam abrigar facilmente as multidões urbanas, fenômeno tão típico da modernidade.

Por outro lado, é uma criança, o próprio Benjamin, que vaga nos labirintos de Berlim e da própria alma, à procura de si, nos textos de *Infância berlinense*. O pequeno que se mescla à cidade, seus esconderijos e personagens – ruas tortuosas, zoológico, fontes, lojas, todos os recantos e móveis da casa, e ainda as imagens diversas do pensamento; babás, pai, mãe, faxineiras, mendigos, prostitutas, anjos, comerciantes – é, essencialmente, aquele que o adulto narra, como que para quebrar o encanto que separa história e memória da experiência do presente. Não por acaso, Benjamin vai dizer, em um texto muito bonito, que a narrativa *cura*:

A criança está doente. A mãe a leva para a cama e se senta junto dela. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? (...) Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem pergunta se a narração não formaria o clima propício e condição mais favorável para uma cura. E não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para longe – até a foz – na correnteza da narração? Que se pense que a dor é uma barragem que se opõe à correnteza da narrativa, então se verá claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar ditoso do esquecimento. O afagar mostra um leito para essa corrente. (BENJAMIN, 1980, v. 4-I, p. 430; 1987, p. 269, tradução modificada).

Se a experiência é aquela tessitura objetiva e subjetiva que se vitaliza apenas quando pode ser narrada, compartilhada, trazida ao plano da consciência (BENJAMIN, 1977), é porque, de fato, narrar e curar se cruzam no entroncamento de corpo e pensamento, nos *entresentidos* humanos capazes de interagir e nos conceitos que elucidam e rompem com um passado mítico que aprisiona e adocece. O Benjamin iluminista encontra aqui a assertiva de Adorno (1997, v. 20-1), de que a

subjetividade – o que resta da sua versão burguesa – se constrói na experiência e no conceito.

O conteúdo da memória – voluntária ou não – pode emergir, ao ser narrado, no plano da consciência. Segundo Adorno (1997, v. 20-1, p. 171), ainda no referido posfácio, trata-se “do caráter imediato da lembrança que ilumina, com a violência da dor da impossibilidade de trazer de novo aquilo que uma vez foi perdido, a alegoria coagulada do próprio declínio (*Untergang*) [do narrador].” Encontramos, portanto, a tarefa singular do narrador, tal como se lê no famoso ensaio consagrado a Nikolai Leskov (BENJAMIN, 1977): da impossibilidade de voltar ao que já acabou, mas da necessidade de reelaborar (*perlaborar*) a memória na experiência atualizada, mesmo que seja ela resultado de um naufrágio, de um declínio (*Untergang*).

Se Adorno publica e interpreta, com a costumeira radicalidade, a *Infância berlinense*, é porque os temas e motivos de Benjamin não apenas lhe interessam, mas compõem grande parte da arquitetura teórica que elaborou em sua vasta obra, individualmente ou em parceria com Max Horkheimer. O tema do progresso e sua dialética, já anunciado por Benjamin (1987) em 1927 no final de *Rua de mão única*, e as controvérsias a respeito da dialética e da experiência estética, talvez sejam os cruzamentos mais conhecidos, mas não os únicos que se configuram entre Adorno e Benjamin.

A abordagem de *Infância Berlinense por volta de 1900* sugere a visita a temas e motivos benjaminianos relacionados à infância e seus lugares, subjetivos e objetivos, no mundo contemporâneo. Isso será feito, como afirmei no início, pensando em possíveis pares entre a *Infância berlinense* e os textos sobre Baudelaire e Paris (BENJAMIN, 1997). Berlim/Paris, criança/adulto, experiência/vivência (*Erfahrung/Erlebnis*), memória/história, formam alguns dos pares conceituais por meio dos quais reflito sobre esses pequenos e densos textos e é por eles que minha reflexão procura se expressar. Logo após, citarei trechos da obra de Adorno nas quais aparecem, com força às vezes avassaladora, a infância e suas expressões, retomando, ao menos em parte, as questões dos textos de Benjamin. Pretendo, com isso tudo, oferecer a possibilidade de construir novas constelações conceituais por meio das quais se nos autorize a ler – desde nosso invariável ponto de vista de adultos – o universo dos pequenos.

ESPAÇO DA RUA, ESPAÇO DE INTERIORES

Os dois pequenos textos de *Infância berlinense* que analiso são *A despesa* e *Esconderijos*. Na composição do livro, eles estão próximos entre si, separados por três escritos, dois dos quais se relacionam à sexualidade,

entre eles o polêmico *O despertar do sexo*.⁵ *A despensa* e *Esconderijos* remetem, por sua vez, a outros aforismos que se referem ao espaço da casa, aos móveis e aposentos, fazendo lembrar os *interiores* dos ensaios sobre Baudelaire. Lá também encontramos toda uma geografia/arqueologia das casas burguesas que são vistas, entretanto, como os materiais por meio dos quais a modernidade e os sujeitos que a constituem ganham substância e identidade. Na *Infância berlinense*, de um lado, trata-se da criança que experimenta, nos cheiros, texturas, densidades, espessuras, enfim, na experiência sensorial, os objetos com os quais se depara e os territórios que percorre, esses *interiores burgueses* nos quais se exterioriza e realiza sua condição de criança. Vale, então, antes de me ater aos aforismos selecionados, um rápido comentário, para termos um contraponto sobre as exigências que a *cidade-metrópole* e seus desígnios fazem aos adultos que nela trafegam, tal como Benjamin discutiu nos textos em que toma o Moderno e seus intérpretes como tema.

Enquanto a criança de Berlim é plena de relações sensoriais, as novas configurações da cidade moderna impelem à dureza do vidro e do aço (BENJAMIN, 1977), “que não deixam marcas”, levando os interiores a procurar reter os vestígios de uma subjetividade cada vez mais arriscada, num processo de dupla interiorização, espacial (na casa diferenciada da rua), mas também psicológica (GAGNEBIN, 1994).

Aqui [num aposento burguês] nada tens a procurar – pois aqui não há qualquer lugar, no qual o morador não tivesse deixado seu rastro: no qual o morador já não tenha deixado seu vestígio: nos frisos por meio de pequenos objetos, nas almofadas por meio dos forros com monograma, nos vidros da janela com transparências, e frente à lareira com um guarda-fogo. (BENJAMIN, 1977, p. 305; 1987, p. 266, tradução modificada).

Nas ruas – um espaço ambíguo, uma vez que a luz elétrica que promove a claridade incessante faz com que as pessoas se sintam como que dentro de suas casas (BENJAMIN, 1997) – e em meio à multidão, o ritmo dos passantes é outro do que o do menino, nos labirintos da cidade. Há, no entanto, uma coincidência. Os passantes frenéticos das grandes galerias, assim como a criança que anda devagar no mundo da casa e da rua, todos têm no olhar um sentido essencial. Se o pequeno aparece na memória como alguém que tem no olhar um entre outros sentidos de reconhecimento, nas grandes cidades o passante depende dele para sobreviver. Há o choque com o transeunte, a mulher que passa (talvez

⁵ Gerschom Scholem havia sugerido a Benjamin que esse pequeno texto fosse eliminado da versão final, uma vez que é o único que cita um tema judaico em todo o trabalho. De fato, Benjamin relata seu encontro com uma prostituta no dia de comemoração do ano novo judaico, expondo também as diferenças, no seio familiar, entre uma perspectiva mais assimilada – a da mãe, que vai ao culto reformado – e outra mais tradicional – a do pai, que freqüenta o culto ortodoxo (CHAVES, 1999).

“um amor à última vista”) e as novas condições de observação contínua dadas pelo transporte coletivo, que obriga as pessoas a se colocarem, por um longo tempo, frente a frente. Trata-se, então, como já notara Marx, nos *Manuscritos de Paris*, de uma produção social do olhar, mediação sensorial entre o órgão da visão e os objetos por ele não só encontrados, mas também produzidos. Os *predadores urbanos* farão do olhar seu principal sentido – e também o mais *promíscuo* – e da gestualidade sua mais importante expressão corporal. Nenhum dos dois é aleatório: “À vivência do choque, que o passante possui em meio à multidão, corresponde a ‘vivência’ [e não *Experiência*, diríamos] do trabalhador junto à maquinaria” (BENJAMIN, 1997, p. 128).

Diferente da experiência sensorial mais plena da *corporalidade* que se mistura ao espaço para poder encontrá-lo, como na criança, os sentidos já não reconhecem, mas respondem, assim como os movimentos do corpo devem, antes de tudo, *defender*. Na metrópole, nas ruas e galerias, é, então, gestada para o *flâneur*, para a prostituta e para o casual transeunte, uma *pedagogia*.

(...) os passantes modernos são obrigados a fazê-lo [lançar o olhar] para se orientar pelos sinais de trânsito. A técnica submeteu, assim, o sensorium humano a um complexo treinamento. Chegou o dia em que ao filme correspondeu uma nova e urgente necessidade de excitação. No filme impõe-se a percepção na forma de choque. O que determina o ritmo da produção na esteira rolante está na origem da recepção no filme. (BENJAMIN, 1997, p. 126-127).

PENSAR, EXPERIENCIAR, NARRAR

DOIS PEQUENOS TEXTOS DE *INFÂNCIA BERLINENSE*

Retomo a *Infância berlinense*, mais especificamente *A despensa*:

Na fresta deixada pela porta entreaberta do armário da despensa, minha mão penetra tal como um amante através da noite. Quando já se sentia ambientada naquela escuridão, ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas ou as frutas cristalizadas. E, do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! Agradecida e desenfreada, como a garota raptada de sua casa paterna, a compota de morango se entregava mesmo sem o acompanhamento do pãozinho e para ser saboreada ao ar livre, e até a manteiga respondia com ternura à ousadia de um pretendente que avançara até sua alcova de solteira. A mão, esse Don Juan juvenil, em pouco tempo, invadira todos os cantos e recantos, deixando atrás de si camadas e porções escorrendo a virgindade que, sem protestos, se renovava. (BENJAMIN, 1987, p. 87-88; 1980, v. IV-1, p. 250)

O pequeno texto desconcerta o leitor, por vários motivos. O primeiro e mais aparente é a relação entre infância, sexo e comida, três temas recorrentes em vários dos textos de Benjamin, colocados aqui em um mesmo nexos de uma experiência prazerosa, que envolve plenamente os sentidos.

O caráter ambíguo da *amante virginal*, “agradecida e desenfreada”, uma vez raptada pelo seu Don Juan, é mesmo o da sexualidade infantil, incerta, polimorfa, misturada, pouco exata, em mais um dos vários tributos que Benjamin paga a Freud. Por outro lado, a aproximação da mão que adentra o armário⁶ pela porta entreaberta faz o mesmo percurso daquele que se aproxima de sua amada, simultaneamente excitado e hesitante, desejoso, mas, temeroso. Lembremos que a mão exerce um papel essencial na narração. A narrativa como forma de comunicação da experiência supõe a presença somática daquele que narra aos e com seus ouvintes. Palavras e gestos fazem parte da narração. Seu ritmo é o do trabalho manual; não se abrevia o tempo, mas dele se dispõe com intensidade. No trabalho do narrador, a *alma*, o *olho* e a *mão* estariam “(...) unificados no mesmo complexo” (BENJAMIN, 1988, p. 409) – subjetividade, percepção e corpo, poderíamos dizer.

O narrador é um artesão cuja matéria é a vida humana, diz Benjamin (1988, p. 409). Constroem-se, assim, na objetividade do contato entre os seres humanos, subjetividades distintas que sejam capazes de reelaborar e entrelaçar a história e a memória. Elas devem ser capazes de agir sobre o passado “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1988, p. 393; 1997, p. 107).

É na expressão sensorial, no gosto, assim como é no sexo, que se coloca com firmeza a relação da criança que procura o mundo, aqui representado pelos doces e pelo espaço sobre o qual quer exercer seu senhorio.

Esse domínio contém um elemento esclarecido, racional, que coexiste com outro que, como no sexo, é lúdico, *mimético*, de aproximar-se do objeto, respeitando-lhe a grandeza, de misturar-se a ele, dissolver-se com autonomia e com vontade e prazer na sedução dos sentidos *experienciados*. Trata-se da mimesis como representação (*Darstellung*), tão importante para Benjamin nos textos sobre os brinquedos e jogos e sobre o caráter “mágico” da linguagem. A relação da criança que vai furtivamente até os doces, sentindo-lhes a calda e a doçura, não apenas com o gosto, mas também com o tato, é de ordem mimética. Nela, o sujeito/criança não se exclui nem se enrijece em relação ao objeto/doce, mas antes se permite impregnar por ele, misturando-se para poder absorvê-lo, para deixar-se por ele absorver.

⁶ O papel da mão nesse texto pode também estar relacionado à idéia de lembrança encobridora que remete à repressão da prática da masturbação (CHAVES, 1999).

Ao contrário do adulto, cujo sensorio é endurecido e treinado na/ para a vivência do choque (*Chockerlebnis*),⁷ preserva-se na criança uma outra forma de se relacionar com o objeto, com seu *outro*, conferindo-lhe/ admitindo-lhe, portanto, outras possibilidades subjetivas.

Visito agora o segundo dos aforismos escolhidos, *Esconderijos*.

Conhecia todos os esconderijos do piso e voltava a eles como a uma casa na qual se tem a certeza de encontrar tudo sempre do mesmo jeito. Meu coração disparava, e eu retinha a respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido, que se aproximava calado. Só assim é que deve perceber o que é corda e madeira aquele que vai ser enforcado. A criança que se coloca atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada no ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E, atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se a tivesse vestido com um disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente. Por nada desse mundo podia ser descoberta. Se faz caretas, lhe dizem que é só o relógio bater e seu rosto vai ficar deformado daquele jeito. O que havia de verdadeiro nisso pude vivenciar em meus esconderijos. Quem me descobrisse era capaz de me fazer petrificar como um ídolo debaixo da mesa, de me urdir para sempre às cortinas com um fantasma, de me encantar por toda a vida como uma pesada porta. Por isso expulsava com um grito forte o demônio que assim me transformava, quando me agarrava aquele que me estava procurando. Na verdade, não esperava sequer esse momento e vinha ao encontro dele com um grito de autolibertação. Era assim que não me cansava da luta com o demônio. Com isso, a casa era um arsenal de máscaras. Uma vez por ano, porém, em lugares secretos, em suas órbitas vazias, em suas bocas hirtas, havia presentes; a experiência mágica virava ciência. Como se fosse seu engenheiro, eu desencantava aquela casa sombria à procura dos ovos de Páscoa. (BENJAMIN, 1987, p. 91; 1980, v.IV-1, p. 253-254).

O leitor habituado a Benjamin reconhece já no início do texto a direta correspondência aos textos sobre a capacidade mimética. Esta faculdade não se relaciona apenas ao reconhecimento, mas à produção de semelhanças, porque, diz Benjamin: “Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo

⁷ Também Adorno (1992, p. 122; 1997, v. 3, p. 158) foi sensível a essa questão: “As inervações inconscientes, que para além dos processos intelectuais, ajustam a existência individual ao ritmo histórico, pressentem a aproximação da coletivização do mundo. Todavia, com a sociedade integral não suprassume [*aufhebt*] os indivíduos tão positivamente em si mesma, quanto, ao contrário, os comprime numa massa amorfa e dócil, cada indivíduo se horroriza co o processo de absorção que é experimentado como inevitável. *Doing things and going places* é uma tentativa do *sensorium* no sentido de desenvolver uma espécie de defesa contra a coletivização que nos ameaça, de exercitar-se para ela, na medida em que as pessoas, precisamente naquelas horas reservadas na aparência à liberdade, se educam como membros da massa.”

algum à imitação das pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento ou trem” (BENJAMIN, 1985, p. 108; 1980, v. II-1, p. 205). Essa forma de reelaboração do mundo, corrente, como dito acima, nas brincadeiras infantis, tem como primeiro brinquedo o próprio corpo. Se os brinquedos são, literalmente, os *instrumentos de brincar* – *Spielzeugen* – o corpo é, por excelência, o primeiro brinquedo.

Por isso é esse mesmo corpo, na paralisação/petrificação ou nas expressões do rosto, que se mistura, se iguala e se confunde com o meio, para logo depois – encanto quebrado pela alteridade, pelo reconhecimento do outro que se aproxima – voltar a firmar-se, mesmo titubeante, como sujeito – perder-se/encontrar-se, igualar-se/diferenciar-se, expulsando “com um grito forte o demônio que assim me transformava.”

Horkheimer e Adorno (1997) mostram magistralmente como se estrutura esse percurso do ego que procura se formar ao tomarem, na narrativa homérica, a Odisséia como modelo e Ulisses, seu personagem central, como exemplo do sujeito esclarecido: é pelo ludíbrio dos mitos e pelo autodomínio e auto-sacrifício deliberado, racional, que ele procura tornar-se forte. A hesitação da criança é a mesma, prototipicamente, que a de Ulisses, e reencontra-se com a racionalidade na dialética que a constitui. Se o mais difícil em uma cidade ou entre aposentos de uma casa é perder-se, como diz Benjamin, logo no início de *Infância berlinense*, há um momento que se oferece em uma nova constelação: o desencantamento da casa – de si mesmo, no espaço e no tempo, e do mundo, no sentido weberiano –, conhecida em cada um de seus pontos, na procura dos ovos de Páscoa.

2 INFÂNCIA, SOFRIMENTO, EXPERIÊNCIA

No fascismo, o pesadelo de minha infância se concretizou.
(Theodor W. Adorno, 1946-1947)

O tema da infância comparece na obra de Adorno de diversas formas, sempre com a merecida sobriedade e respeito à condição de ser criança, demarcando uma diferença fundamental dos processos de *infantilização* da indústria cultural.⁸ É interessante notar que, em um de seus textos mais marcantes sobre a escolarização, Adorno (1971a) coloca a problemática da infância e sua educação no cruzamento dos ardis da indústria cultural e da produção do caráter autoritário, especificamente

⁸“Nada sobrevive nela [na música de massas] com mais força do que a aparência; nada é mais aparente do que seu teor de verdade [*Sachlichkeit*]. A jogo interpretativo infantilizante [*infantile Spiel*] tem pouco a ver mais do que o nome com as atividades produtivas das crianças.” (ADORNO, 1997, v. 14, p. 47).

do preconceito e do totalitarismo político. Adorno (1971a, p. 114) diz que do preconceito poderia ser dito que é a “ontologia da publicidade”. Preconceito funcionalizado politicamente e indústria cultura e não apenas supõem, mas, exigem uma subjetividade danificada.

Em Adorno, as lembranças da infância adquirem frequentemente contornos algo mais sombrios que em Benjamin. Isso se aprofunda se considerarmos que a experiência subjetiva – aquela que pode ser narrada, que se enraíza na objetividade, como lemos nos ensaios de Benjamin – é, para Adorno, um recurso metodológico importante em suas reflexões sobre a sociedade contemporânea. Ele relata, por exemplo, que, ao ser perguntado por que havia retornado à Alemanha, depois do exílio e de toda a barbárie do nacional-socialismo (1997, v.10-2), respondera que, entre outros motivos, todo o desejo era o de voltar para a experiência de sua infância.

Por outro lado, em Adorno, a lembrança da condição de infante aparece também como ameaçadora, na medida em que faz recordar a natureza que compartilhamos com os não-humanos. A infância seria, então, uma recordação assustadora de uma *dialética do esclarecimento*:

A humanidade teve que se submeter a terríveis provações até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e toda infância ainda é de certa forma a repetição disso. O esforço para manter a coesão do ego marca-o em todas as suas fases, e a tentação de perdê-lo jamais deixou de acompanhar a determinação cega de conserva-lo. A embriaguez narcótica, que expia com um sono parecido à morte a euforia na qual o eu está suspenso, e uma das mais antigas cerimônias sociais mediadoras entre a autoconservação e a autodestruição, uma tentativa do eu de sobreviver a si mesmo. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 44; 1997, p. 50).

O que se coloca aqui é o medo de novamente *não ser*, de voltar ao momento mítico pré-subjetivo, como no episódio da semideusa Circe, aquela que destina os marinheiros de Ulisses à entrega instituída (e não mais pulsional) da redução à sexualidade (pré)infantil. Esse temor encontra seu desiderato, na sociedade contemporânea, no momento da aniquilação subjetiva representada pelo pensamento positivista,⁹ pela fungibilidade universal da indústria cultural¹⁰ e pelo totalitarismo político.¹¹

Volto ao tema da lembrança da infância. Para Adorno (1971b),

⁹ “A subjetividade volatilizou-se na lógica cega das regras do jogo pretensamente indeterminadas, a fim de dispor de uma maneira ainda mais desembaraçada. O positivismo (...) eliminou a última instância intermediária entre a ação individual e a norma social.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41; 1997, p. 47)

¹⁰ “A semelhança perfeita é a indiferença absoluta.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 136; 1997, p. 168)

¹¹ “Da assimilação à natureza resta apenas o enrijecimento contra ela.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 169; 1997, p. 206)

Auschwitz é a singularidade inominável na história, mas não uma exceção, e é importante saber sobre as possibilidades de sua repetição, obviamente não da mesma forma, mas a partir do mesmo impulso destruidor, para que se possa, também por meio da educação, evitá-la. Por isso, perguntará sobre as possibilidades e a legitimidade da Arte e da Filosofia após o *Shoah* (1997, v. 6 e 10-1) e reafirmará necessidade da Educação (1971b). As primeiras sentenças de *Educação após Auschwitz* não deixam dúvida: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida” (ADORNO, 1995, p. 119; 1971b, p. 88).

Nesse contexto, o da formação da personalidade autoritária – da consciência reificada, do véu tecnológico e da impossibilidade de experiências diretas e espontâneas (ADORNO, 1995; 1971b) –, o tema da infância nos leva a passagens da obra de Adorno, em que ele se refere à educação de um ponto de vista das crianças.

As notas de Adorno entrecruzam uma sensível infância, cheia de cuidados dos adultos, o presente vivido pleno de horrores, o trabalho da rememoração e o do esquecimento. Dentre as que mais impressionam estão as que relacionam o fascismo, os primeiros anos de vida e o cotidiano, nas instituições educacionais. Uma delas, em especial, demarca, com enorme sensibilidade, as tensões do particular e da história subjetiva em relação à dimensão universal, ambos atualizados na experiência histórica do totalitarismo:

A rigor eu deveria ser capaz de derivar o fascismo das lembranças de minha infância. Como faz um conquistador em relação a províncias longínquas, o fascismo enviara seus emissários muito antes de fazer sua entrada: meus camaradas de escola. (...) Todos os sinais da catástrofe permanente tinham-me roçado tão de perto, os sinais de advertência do despertar da Alemanha tinham-me marcado de uma forma tão indelével, que fui capaz de identificar cada um deles nos traços da ditadura de Hitler: e, no meu horror tolo, com frequência eu tinha impressão de que o Estado total havia sido inventado especialmente contra mim, para fazer-me sofrer aquilo que na minha infância – a pré-história dele – eu havia sido dispensado até segunda ordem. Os cinco patriotas que se precipitaram sobre um único colega, espancando-o, e que o difamaram como traidor da classe quando ele se queixou ao professor – não são eles os mesmos que torturaram prisioneiros para desmentir os que, no exterior, diziam que se torturavam prisioneiros? Aqueles cuja zombaria era interminável quando o primeiro da turma falhava - não foram eles que com caretas risonhas e um tanto embaraçados, cercaram o detento judeu e caçoaram quando

este, de maneira desajeitada, tentou se enforçar? (ADORNO, 1992a, p. 168-169; 1997, v. 3, p. 219).

Essas imagens tão fortes, que derrubam nossa frívola consideração de que as expressões infantis, mesmo quando discriminatórias e violentas, seriam “inocentes”, ressoam em outra passagem da sua obra. Argumentando que o preconceito, na forma específica, mas intercambiável, do anti-semitismo, se mostra presente nas crianças já no *Kindergarten*, Adorno (1971a) chama a atenção para os pequenos que isolam seus colegas, recusando-se, por exemplo, a brincar com outras crianças consideradas externas ao seu grupo étnico. Ele destaca a problemática das crianças com práticas excludentes (*Ausschliessenden*), que compõem coletivos que diluem os outros em práticas autoritárias. Adorno lembra os pequenos que para os outros dizem “com você eu não brinco”, ou ainda “com aquele ninguém joga” (1971a, p. 124), advogando por uma escola que procure dar às crianças aquilo que não recebem em casa, uma educação contra o preconceito que inclua até mesmo alguma interferência em relação ao que dizem os pais. Seria de se esperar dos educadores que tivessem a coragem de enfrentar as famílias, ensinando para os pequenos que seus pais são passíveis de equívocos.

No sentido de uma Pedagogia contra o preconceito seria importante encorajar as amizades individuais e não ironizá-las ou difamá-las; ao contrário, tanto quanto possível, trabalhar contra as gangues fanfarronas e outros grupos do mesmo tipo, especialmente quando eles buscam poder. A estrutura da formação de gangues na escola em geral é um fenômeno central. Como em um micro-cosmos desenha-se o problema de toda a sociedade em geral. Evidentemente correspondem estas gangues a um tipo de hierarquia secreta que se contrapõe à hierarquia oficial da escola, regulada pelo desempenho. Nelas são honorificadas inteiramente outras qualidades – força física, um tipo específico de velocidade e assemelhados – apenas para o dizermos de forma breve. Nesse contexto é preciso remeter-se ao perigo das organizações, que da escola se aproximam organicamente e na qual algumas crianças, mas não outras, se incorporam. Daí se origina facilmente um princípio de exclusão. (ADORNO, 1971a, p. 124-125, tradução minha).

Não há como não sentir alguma (perigosa) compaixão em relação aos professores, esses “fracos”, como seriam descritos em *Tabus über dem Lehrberuf* (ADORNO, 1997, v. 10-2), quando se pensa no tamanho da tarefa que Adorno a eles destina: olhar as crianças em suas manifestações de preconceito e prenúncio do caráter autoritário, enfrentar as famílias e seus modelos reacionários, estar atentos às lideranças infantis e suas *Cliquen*, aos coletivismos, à dupla hierarquia, ao predomínio da força física e ao momento crítico de saída do *Kindergarten* e entrada nas séries iniciais do ensino fundamental – seria ali que a infância, repartida em duas e flexionada para o enrijecimento

crescente, se mostraria em seu acercamento com a frieza burguesa. Ele argumenta que é preciso livrar os professores do preconceito, porque são eles grandes vetores do autoritarismo e da intolerância. Eles deveriam, diz ele, motivar as crianças ao discurso, combatendo o rancor contra aqueles que – Adorno fala de sua memória e de suas observações – cultivam, contra a exortação da violência corporal, a expressão verbal (ADORNO, 1971a).

Como é possível, num ambiente escolar tão duro e desolador, como este que Adorno toma como ponto de partida para suas reflexões, ainda se falar em conhecimento, sua produção e socialização? Como pensar ainda em *formação* se, como dizem Horkheimer e Adorno, a “pseudo-individualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras tendências das encruzilhadas do universal, é possível reintegrá-los totalmente na universalidade.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 145; 1997, p. 178)?

Uma das respostas Adorno (1971a) sugere de forma algo inusitada, sempre insistindo na sobrevivência do particular. Ele propõe fomentar o calor entre as crianças, encorajando as amizades individuais, singulares, que podem ser, quem sabe, um refúgio e uma barreira contra as formas de exclusão. Essa esperança de Adorno para com a educação ganha contornos algo inusitados, se recordamos passagens de *Dialética do esclarecimento*, onde se lê, por exemplo, que “o habitante das grandes cidades de hoje, que só pode conceber a amizade como *social contact*, como contato social de pessoas que não se tocam mutuamente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 145-146; 1997, p. 178-179). Ou ainda, e principalmente, um outro trecho:

Essa insistência sobre a bondade é a maneira pela qual a sociedade confessa o sofrimento que ela causa: todos sabem que não podem mais, neste sistema, ajudar-se a si mesmos, e é isso que a ideologia deve levar em conta. Muito longe de simplesmente encobrir o sofrimento sob o véu de uma camaradagem improvisada, a indústria cultural põe toda a honra da firma em encará-lo virilmente nos olhos e admiti-lo com uma fleuma difícil de manter. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 141; 1997, p. 174)

3 UMA OBSERVAÇÃO FINAL

Adorno parece se vincular a uma perspectiva que considera a plena materialidade da experiência infantil. Não por acaso, lembra em uma aula nos anos sessenta, sua primeira experiência com a morte e o que nela recorda o materialismo: “Penso em uma experiência de minha própria infância, ao ver passar a carrocinha com muitos cachorros mortos, e nas perguntas que de chofre surgiram: o que é isso? O que

sabemos, afinal? Também somos isso? Este tipo de experiência (...) é aquela que o materialismo quer fazer lembrar” (ADORNO, 1992b, p. 181).

Para Adorno (1997, v. 6), a dor e a tentativa de sua superação movem o pensamento. O que a materialidade da primeira nos recorda é a existência do cadáver, da finitude e da morte, tema, aliás, muito presente na obra de Benjamin, também nos textos de *Infância berlinense*.¹² A questão se torna importante para a presente reflexão, porque coloca para nossa visão dos pequenos, em um mesmo nexos, a condição de crianças-sujeitos, a materialidade da experiência – com as suas contradições, com o que têm de prazeroso e de traumático – e a produção de conhecimento. Ela nos lembra, em uma palavra, a densa, rica e complexa – e absolutamente não idealista – experiência da infância e, para além dela, o trabalho de sua rememoração.

Procurei destacar em Benjamin e Adorno algumas tonalidades dessa experiência social complexa que é a infância. Momento certamente de júbilo e de riqueza *experencial*, de um conjunto de relações que se apresentam, depois, como matriz do trabalho da memória. Uma experiência que, para ser como tal, vivida, precisa de um tempo e de um olhar que lhes são próprios, singulares, por meio dos quais cada uma das crianças tece seus conceitos, desloca-se por seus labirintos: as casas, os móveis, o barro, as árvores, mas também os sentimentos que “vêm do coração”: o amor e a compaixão em suas contradições, certamente, mas também o ódio e o preconceito.

Dessas reflexões, gostaria de reter a possibilidade de permanência de uma idéia, colocada logo no início de *Infância berlinense*: de que se localizar, guiar-se pela cidade, é fácil. Difícil é perder-se nela, deixar-se levar, deliberadamente, pela experiência mimética, seja nas fronteiras das brincadeiras, nas narrativas, no paladar, na ludicidade do sexo. Essa fronteira, que às vezes classificamos, indevidamente, de patológica, talvez nos ensine que não deve ser confundida com outra, esta sim enferma e predominante no mundo administrado: a impossibilidade da subjetividade, os processos reificadores e o dilaceramento de si, que não permite que experienciemos de forma plena o tempo e o espaço, também das crianças, que escapam de nossas mãos.

VAZ, A. F. The aporias of the modern project: considerations to the light of

¹² Sobre esse tema, consultar Chaves (1999).

the
thought of Adorno. *Educação em Revista* (Marília), n. 6, p. 51-66, 2005

ABSTRACT: this paper aims to present aspects of childhood and some of its expressions in essays of Adorno and Benjamin. It begins with the last, presenting reflections about childhood and experience, taking for interpretation aphorisms of *Berlin Childhood in 1900*, a counterpart of the essays about Charles Baudelaire. Then I retake Adorno's works, that as Benjamin, interlaces memory and history and, in their narratives, an Utopian moment in critic of instrumental reason and of the bourgeois coldness. Expression of a dialectics of enlightenment, childhood is, for both, a moment of great experience, an expression of memory and a complement and a rival of reason, throughout children construct concepts in their movements through the labyrinths: houses, furniture, mud, trees, feelings: love and compassion in their contradictions, certainly, but also hate and prejudice.

KEYWORDS: childhood and Philosophy; formation; critical theory; Adorno, Theodor W.; Benjamin, W.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Kritik: kleine Schriften zur Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971a.
- _____. *Erziehung zur Mündigkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971b.
- _____. *Minima Moralia: reflexões sobre a vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992a.
- _____. *Philosophische Terminologie*. (Vol. 2). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992b.
- _____. *Educação e emancipação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997. (Vol. 6, 8, 10-1, 10-2, 14, 20).
- ARENDT, H. *Between Past and Future*. New York: Penguin, 1993.
- BENJAMIN, W. *Iluminações*. (Ausgewählte Schriften 1). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1980. (Vol. II-1, IV-1).
- _____. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Obras escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. *Angelus Novus*. (Ausgewählte Schriften 1). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- _____. *Charles Baudelaire*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

VAZ, A. F.

CHAVES, E. Sexo e Morte na Infância Berlinense, de Walter Benjamin In: SELIGMANN-SILVA, M. *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 127-146.

GAGNEBIN, J-M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo/Campinas: Perspectiva/Fapesp/Unicamp, 1994.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente. Gesammelte Schriften 3*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.